

4.

Contexto e perspectivas metodológicas

Neste estudo a pesquisa é entendida como um meio de fazer descobertas sobre as coisas do mundo diretamente no mundo e com seus habitantes (Richards, 2003, p.2). Contudo, existem diferentes formas e métodos de se buscar essas respostas do e no mundo. Aqui, em alinhamento com Reason (1994), Richards (2003), Gergen & Gergen (2006), entre outros, a ciência e a vida cotidiana são vistas como inseparáveis; assim, não existem verdades absolutas e objetivas (contrária à tradição positivista). Essa visão constitui a base de uma pesquisa qualitativa.

Em síntese, segundo Lincoln & Denzin (2006, p.390), a pesquisa qualitativa é um:

Campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e ciências físicas. A pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo. Tem um foco multiparadigmático. Seus praticantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativista da experiência humana. Ao mesmo tempo, trata-se de um campo inerentemente político e influenciado por múltiplas lealdades éticas e políticas. A pesquisa qualitativa adota duas tensões ao mesmo tempo. Por um lado, é atraída a uma sensibilidade geral, interpretativa, pós-experimental, pós-moderna, feminista e crítica. Por outro lado, é moldada para concepções da experiência humana e de sua análise mais restrita à definição positivista, pós-positivista e, humanista e naturalista.

O fazer pesquisa aqui também se dará à luz do Paradigma Interpretativista, que compreende os fenômenos sociais como inseparáveis do ser humano. Essa abordagem permite estudar o ser humano em seu contexto natural e, principalmente, cotidiano; e, assim, torna possível explorar as questões a serem discutidas no contexto social.

Dessa forma, a pesquisa qualitativa e interpretativista, para compreensão dos sentidos e significados de suas ações na perspectiva dos participantes

envolvidos, permite a descrição e o detalhamento dos processos que envolvem ação, linguagem e interação social.

O conhecimento científico dos fatos sociais é obtido, então, através de um trabalho de interpretação da interação entre pesquisador e pesquisado, considerado como atores sociais. É importante ressaltar que neste paradigma não existem conhecimentos absolutos e o real e a complexidade dos fenômenos sociais pode ser interpretado de várias maneiras de acordo com o contexto (o tempo, o local, os participantes etc.).

4.1.

Entrevista: uma visão contemporânea

Nas ciências humanas e sociais, a entrevista de pesquisa tem sido compreendida como um evento de fala estruturado no formato pergunta-resposta (Triviños, 1987), no qual, tradicionalmente, o entrevistador tem como principal objetivo extrair informações dos entrevistados, como se fossem ‘recipientes’ (Bastos e Santos, 2013). Na contemporaneidade, conforme Mishler (1986), Bastos (2008), Bastos & Santos (2013) e outros, a entrevista é, contrariamente, um meio significativo na busca da compreensão das subjetividades e dos contextos sociais macros e micros.

Assim sendo, a entrevista é também considerada um lugar propício para construção de sentido, no qual os participantes coconstroem¹⁵ versões da realidade, situadas no contexto da interação. Entrevista é considerada, nas palavras de Bastos (2010, p. 78), “como um evento interacional, no qual histórias são contadas e identidades construídas”.

Nesta pesquisa qualitativa, em alinhamento com Bastos (2008, 2010) e outros, adoto o modelo de entrevista semiestruturada para geração de dados. Segundo Triviños (1987), esse formato de entrevista permite que o entrevistador

¹⁵ “Sendo compreendido coconstrução como a criação conjunta de forma, interpretação, ação, identidade, ideologia, emoção, habilidade ou qualquer outra realidade cultural significativa” (Jacoby & Ochs, 1995, p. 171). Tradução minha.

atue ao mesmo tempo como pesquisador e ator na interação, o que, ainda de acordo com o autor, favorece a descrição dos fenômenos sociais e sua explicação, além da compreensão de aspectos da experiência humana no mundo social em abrangência micro e macro. Esse tipo de entrevista valoriza a presença do investigador/entrevistador, permitindo que esse verbalize suas inferências e, entre outras posturas, crie uma proximidade com o entrevistado. Sendo assim, as respostas apresentam marcas de espontaneidade, o que enriquece a investigação. Portanto, conforme Bastos & Santos (2013),

O gerenciamento de identidades sociais nesse contexto é visto como um processo colaborativo entre entrevistador e entrevistado, entre as formulações de pergunta e respostas. Os investigadores trabalham com a percepção de que o evento de entrevista é um evento interacional no qual as pessoas articulam a produção de identidades sociais. (Bastos & Santos, 2013, p. 11).

A situação de entrevista, então, se conduzida de modo à ‘dar voz’ ao entrevistado, favorece a ocorrência de narrativas, que muito podem nos dizer sobre como são construídas as identidades sociais e como os indivíduos se posicionam no mundo que os cerca.

4.2.

A geração de dados

No contexto descrito acima, os dados da pesquisa foram gerados em uma situação de entrevista no quadro de uma pesquisa qualitativa e interpretativista, e analisados com base em uma perspectiva sociointeracional do discurso. Esses serão analisados à luz de uma revisão crítica do modelo de narrativa laboviano, com foco nos recursos avaliativos, e dos conceitos de Small Stories, História de vida e Identidade.

As entrevistas foram realizadas e gravadas em áudio após uma breve negociação com a responsável pelo serviço, e a concordância das funcionárias. Foram entrevistadas por mim seis funcionárias que desempenham a função de auxiliar de serviços gerais¹⁶, em uma empresa de limpeza que presta serviços a uma instituição de ensino superior no Rio de Janeiro.

¹⁶ De acordo com o edital do concurso de 2002 da Fundação Instituto da Pesca do Estado do Rio de Janeiro (Fiperj), anexo III- descrição das atribuições, o funcionário de serviços gerais é

As interações se deram em dois momentos, nas dependências da instituição na qual as entrevistadas trabalham. A primeira ocorreu em 2008, enquanto era graduanda em letras, e as demais em 2011, como mestranda em estudos da linguagem.

Utilizamos, na maioria das vezes, as salas de aulas da universidade e com frequência, para que a entrevista pudesse acontecer, as funcionárias interrompiam suas funções e, assim, as mesmas salas que segundos antes elas limpavam tornavam-se palcos para seus “shows” (Goffman, 1974). Contudo, frequentemente, as performances eram interrompidas pelo supervisor (pessoalmente e pelo rádio) e/ou por alguma colega de trabalho.

A primeira entrevista foi realizada em 28 de abril, 2008. Marta¹⁷, na época com 29 anos, mãe de dois filhos (12 e 9 anos), separada, natural do Rio de Janeiro e moradora da Rocinha¹⁸. Foram 00:22:47h de entrevista, a única realizada na sala disponibilizada para a empresa terceirizada. Em entrevista sobre sua trajetória de trabalho, ela narrou, entre outros episódios, sua experiência do primeiro emprego – também como auxiliar de serviços gerais aos 20 anos, após separação conjugal. Ao responder minhas perguntas, tópicos como a morte do pai, a criação pela avó, o abandono dos estudos e a gravidez precoce emergiram na interação.

Aproximadamente três anos depois, em 02 de junho de 2011, em diferentes salas de aula, em diferentes andares do mesmo prédio, entrevistei as demais cinco mulheres. Após passar pelo mesmo processo para autorização, conheci primeiro Thelma, 18 anos, mãe de um menino de três anos. No dia da entrevista, estava separada há um mês, e segundo ela, mesmo período de trabalho na empresa (seu primeiro emprego). Thelma parou de estudar no primeiro do Ensino Médio, quando engravidou. Apesar de motivá-la a narrar suas experiências de trabalho e consequentemente de vida, suas respostas eram sempre curtas e sem o aparecimento de narrativas. Foi a entrevista mais rápida, com apenas 00:08:59h de duração.

Depois conheci Selma, no primeiro momento ela não quis participar da pesquisa, alegando sofrimento ao rememorar sua trajetória profissional, mas depois de conversarmos concordou. Ela tem 46 anos, casada, com duas filhas (dez

responsável pela manutenção das instalações em condição de higiene e limpeza e executar outras tarefas relacionadas ao mesmo campo de atuação.

¹⁷ Todos os nomes das entrevistadas são fictícios.

¹⁸ Considerada a maior favela do Brasil.

e cinco anos), e por 00:16:09h, narrou sua história de vida, suas experiências de trabalho (com início aos 14 anos como doméstica), estudo (até 3ª série do E. Fundamental) e familiar (sem a presença da figura paterna).

Solange, representa os milhares de brasileiros que migram para os estados do sudeste em busca de melhores condições de vida e trabalho, nasceu em Juazeiro do Norte, parou de estudar quando cursava a 5ª série do Ensino Fundamental aos 18 anos, com a mesma idade veio para o Rio de Janeiro e trabalha desde então. No período das gravações tinha 26 anos, sem filhos, casada há cinco anos (seu marido também é funcionário de serviços gerais). Durante os 00:13:00h de entrevista empreendeu poucos episódios narrativos.

Sônia, 42 anos, casada desde os 18 anos, com duas filhas e cinco netos. Narrou uma trajetória de trabalho diferente. É a única com o ensino médio completo. Seu primeiro emprego foi como auxiliar de escritório. Em sua trajetória de trabalho também exerceu funções como cobradora, operadora de caixa em supermercado e hoje trabalha como líder de serviços gerais (um nível acima de auxiliar de serviços gerais) em uma instituição de ensino superior no Rio de Janeiro.

Por último, Ellen, 24 anos, casada com duas filhas (a mais velha com três anos e outra com oito meses). Em entrevista sobre sua trajetória de trabalho, narra, entre outros eventos, a experiência do primeiro emprego como doméstica aos 16 anos. Durante os 00:29:05h de gravação, com uma interrupção por questões técnicas, ao responder minhas perguntas, tópicos como o abandono da mãe, a criação pelo avô com poucas condições financeiras e a gravidez emergem na interação.

Para a transcrição, foram usadas convenções de transcrição adaptadas a partir dos estudos da Análise da Conversa (Atkinson e Heritage, 1984), Gago (2002) e incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987), Tannen (1989) da Análise do Discurso (disponível nos anexos) que marcam pausas, alongamentos, sobreposições etc. Além de outros detalhes da fala considerados relevantes para análise. No curso da entrevista, também foram anotadas algumas informações extralinguísticas, tais como expressões faciais, gestos e posturas.

No recorte aqui feito, me permiti analisar com mais atenção trechos de apenas três entrevistas desse corpus, a saber, Marta, Sônia e Ellen. Tal decisão foi tomada por uma questão temático-narrativa, principalmente, por elas construírem

mais performances narrativo-identitárias e alguns relatos especialmente ricos para análise, pois apresentam tópicos relevantes e indissociáveis relacionados às experiências de trabalho.

Abaixo seguem duas tabelas que visam sintetizar as informações que surgiram nas entrevistas, em resposta as minhas perguntas e evidenciando o que elas tornam relevantes.

Entrevistadas	Idade	Residência	Pai	Mãe	Avô /avó
Marta	29 anos	Rocinha	Falecido quando tinha 3 anos	Sim. Trabalhava como empregada doméstica; morou fora a trabalho.	Criada pela avó (após a morte do pai)
Thelma	18 anos	Rocinha	Não menciona	Não menciona	Não menciona
Selma	46 anos	Cidade de Deus	Não menciona	Sim. Criou 9 filhos, sozinha, trabalhando como empregada doméstica.	Não menciona
Solange	26 anos	Rocinha (natural de Juazeiro do Norte – no Rio desde os 18 anos)	Sim	Sim (mais de 3 irmãos)	Não menciona
Sônia	42 anos	Não menciona	Não menciona	Não menciona	Não menciona
Ellen	24 anos	Parque da Cidade e Caxias	Não menciona	Mãe abandonou	Criada pelo avô

Entrevistadas	Gravidez	Filhos (as)	Estado civil	Escolaridade	1º emprego
Marta	16 anos	2 filhos (menino com 12 anos e menina)	Separada	4ª série Ensino Fundamental I (com 16 anos)	Aos 20 anos, Aux. serv. gerais em um banco

		com 9 anos)			
Thelma	15 anos	1 menino com 3 anos	Separada	1º ano Ensino Médio	Aos 18 anos, Aux. serv. gerais em uma universidade
Selma	35 anos	2 filhas (5 e 10 anos)	Casada	3ª série Ensino Fundamental I	Aos 14 anos, “casa de família”.
Solange	-	Sem filhos	Casada (há 3 anos)	5ª Ensino Fundamental I (com 18 anos)	Aos 18 anos, Aux. De serv. serviços gerais.
Sônia	Aprox. 22 anos	2 filhas e 5 netos	Casada desde os 18 anos	Ensino Médio completo	Aos 18 anos, Aux. de escritório
Ellen	Aprox. 22 anos	2 filhas (3 anos e outra de 8 meses)	Casada	8ª série Ensino Fundamental I	Aos 16 anos, “Casa de família”.

Considero essas informações serem de grande valor para os estudos da sociolinguística, pois apresentam um panorama social no qual essas mulheres estão inseridas. Os dados nos permitem perceber que existe pouca variação entre as entrevistadas no que diz respeito à escolarização, à faixa etária da primeira gravidez, à quantidade de filhos e ao tipo de trabalho realizado em suas primeiras experiências empregatícias. Com exceção de Sônia, todas as demais mulheres começaram a trabalhar realizando tarefas socioconstruídas como desprestigiadas.

O capítulo cinco será dedicado à análise e discussão dos dados. Foram identificados episódios narrativos a partir da fala sobre a trajetória de trabalho, de um grupo social específico: mulheres da classe trabalhadora. Sejam eles canônicos ou não, referentes a eventos passados ou aos em curso, futuros ou hipotético etc. A partir de um grande eixo temático, *Família e trabalho: dramas e expectativas*, os episódios narrativos foram selecionados e serão analisados à luz das perspectivas teórico-metodológicas já apresentadas e na tentativa de compreender as questões de pesquisa levantadas na introdução.